

**MARTINS, Pedro Haddad.** O lugar aprendente no ensino de teatro para crianças. Campinas: UNICAMP; mestrando; CAPES; Bolsista de Mestrado; Or. Prof. Dr. Marcelo Ramos Lazzaratto. Ator e Professor de Teatro.

## RESUMO

O presente artigo define o espaço de aprendizagem em teatro criado dentro da sala de aula, com crianças, como um lugar aprendente — conceito extraído em diálogo com o teórico francês Jean Jacques Schaller. Um lugar determinado por um coletivo e que dita a sua própria dinâmica de aprendizagem e criação, influenciando diretamente na formação de cada indivíduo, cujo lugar modifica indivíduo e indivíduo cria lugar. Por meio da aplicação deste conceito, a sala de aula pode tornar-se um espaço próprio para o desenvolvimento de um universo poético teatral coletivo, propiciador da criação cênica e do jogo, abrindo caminho para a apreensão da linguagem de uma maneira lúdica. O processo pedagógico continua, posteriormente, na transferência do lugar aprendente para o momento da apresentação de uma peça, estabelecendo o público como parte do jogo, momento em que os alunos-atores se reconhecem como construtores de linguagem teatral.

**Palavras-chave:** Pedagogia do Teatro. Teatro na Educação. Lugar Aprendente. Metateatro.

## ABSTRACT

This article defines the learning space in theatre created inside the classroom, with children, as a learning place — a concept drawn into dialogue with the french theorist Jean-Jacques Schaller. A place determined by a collective and that dictates its own dynamics of learning and creating, directly influencing the formation of each individual, where place modifies individual and individual creates place. By applying this concept, the classroom can become a proper space for the development of a poetic theatrical collective, propitiator of the scenic creation and the game, paving the way for grasping the language in a playful way. The pedagogical process continues, later in the transfer of the learning place for the moment of a presentation of a play, setting the public as part of the game, a moment where the student-actors recognizes themselves as builders of theatrical language.

**Keywords:** Theatre Pedagogy. Theatre in Education. Learning Place. Metatheater.

Este artigo apresenta, de forma condensada, uma das questões centrais presentes em minha dissertação de mestrado “O metateatro como instrumento para a formação teatral de alunos-atores entre 8 e 12 anos”, defendida em agosto de 2011, no Instituto de Artes da UNICAMP. Durante a pesquisa, surgiu a necessidade de definir o espaço de aprendizagem em teatro, criado dentro da sala de aula e durante a apresentação de espetáculos com os alunos-atores. Ao procurar esta definição, de um lugar onde vivência, formação e criação não se separam, um lugar próprio do teatro, me deparei com a

produção do francês Jean-Jacques Schaller — professor da Universidade de Paris XIII.

Chamou-me a atenção o conceito de “lugar aprendente”, colocado por Schaller, e imediatamente o incorporei como parte fundamental da pesquisa desenvolvida. A ideia que o autor apresenta sobre a construção de inteligência coletiva é parecida com aquela da construção coletiva própria ao processo teatral. O lugar do teatro seria um lugar de construção de um coletivo, de construção de experiência, assim como o lugar aprendente seria o lugar de construção da inteligência coletiva.

O lugar aprendente pode, por suas características, conter e propiciar o desenvolvimento do espaço potencial<sup>1</sup> que cada indivíduo tem em sua relação com o outro. O lugar aprendente é coletivo, criado por um coletivo. O lugar aprendente garante, portanto, a segurança da exposição de um jogo pessoal, individual, e a transposição do espaço potencial de cada integrante para um espaço potencial “grupal e coletivo”.

No entanto, é preciso situar que Jean-Jacques Schaller trabalha dentro de um contexto francês de desmantelamento da política social por causas econômicas e por um discurso governamental que ele mesmo classifica de esquizofrênico. Um contexto no qual o conceito de fluxo — próprio da sociedade globalizada — universaliza os comportamentos em nome da própria ideia de universalidade. Um mundo de fluxos que “fabrica cabeças”. É na vida cotidiana que esta dominação se dá, onde ela pode ser percebida e onde ela pode ser quebrada.

Como possível solução, Schaller cunha, então, a ideia de espaço aprendente, um espaço de identidade reconhecido por seus habitantes que têm a necessidade de ser construído, convocando o que cada um é como ser humano, seu corpo e, reorientando os fluxos já presentes, criando um lugar prazeroso. “(...) espaço, ao mesmo tempo físico e mental, em que se desencadeia o agir social” (SCHALLER, 2008, p. 78). Ou seja, a questão seria: como recriar um lugar que antes era representado por uma praça, um parque? Este novo lugar de reconhecimento voltaria para nós, já que seríamos produtos do lugar que nós mesmos produzimos. O teatro propõe este lugar de reencontro, físico, em contraponto ao mundo fragmentado de hoje em dia. O teatro tem a importância de resgatar o lugar da brincadeira, da interação presencial, em contraponto à cultura virtual. “Mas como, a partir do desenvolvimento do espaço virtual, manter um espaço concreto para corpos, um espaço de habitação, de vizinhança, de relações — profissionais e

---

<sup>1</sup> Ao falarmos de espaço potencial, falamos de um espaço onde o aluno-ator está em constante relação entre ele mesmo, sua “interioridade” e os objetos apresentados no contexto teatral. Uma relação de jogo, de brincadeira: Presume-se aqui, que a tarefa de aceitação da realidade nunca é completa, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa, e que o alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária de experiência (cf. RIVIERE, 1936) que não é contestada (artes, religião etc.). Esta área intermediária está em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena que se “perde” (WINNICOTT, 1975, p. 29).

peçoais — e, finalmente, como reinventar o prazer de estar junto?” (SCHALLER, 2008, p. 78).

A esta área, Winnicott dá o nome de espaço potencial, um espaço próprio à relação entre o fora e o dentro, a interioridade e o uso que se faz do objeto, que é externo.

Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a parte maior da experiência do bebê e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador (WINNICOTT, 1975, p. 30).

Se tomarmos o teatro como espaço constante de estabelecimento de relações, a noção de espaço potencial se amplia para a relação pedagógica estabelecida em sala de aula tendo a ética do teatro, no qual indivíduo e coletivo se complementam, como guia.

O lugar do teatro também deve ser feito pelos indivíduos participantes de determinado grupo, que, por meio de suas características individuais, criam um lugar coletivo que serve como base para a criação teatral. O ambiente no qual se dá esta criação tem um pouco de cada participante, e cada coletivo estabelece uma dinâmica de relações diferente entre os indivíduos que a compõem, modificando o lugar da aprendizagem para cada grupo. O trabalho teatral se legitimará se a participação de cada indivíduo na criação deste grupo estiver garantida, ou corre-se o risco de deixar alguém fora do processo. “Um grupo de indivíduos que atua, entra em acordo e compartilha, cria uma força e liberação de conhecimento que ultrapassa a contribuição de um único membro. Isto inclui o professor e líder do grupo” (SPOLIN, 2008, p. 33).

O condutor, neste caso, precisa saber “ouvir” o coletivo, saber qual é o lugar da criação de determinado grupo. Dependendo do lugar que o coletivo estabelece, as dinâmicas serão diferentes dentro do processo de aprendizagem. Trabalha-se aqui com material humano, com sensibilidades. A não escuta do coletivo levaria ao atropelamento das individualidades.

A aprendizagem é determinada, então, pelo lugar que o coletivo cria, e que influencia diretamente na formação de cada indivíduo, numa via de mão dupla, numa relação simbiótica, na qual o lugar modifica indivíduo e indivíduo cria lugar. Uma relação de devir, como colocada por Schaller, numa clara alusão à filosofia de Spinoza, em que na relação entre lugar e indivíduo, o indivíduo conteria um devir lugar e o lugar um devir indivíduo.

Um lugar, através da atualização das redes de atores que o atravessam é aprendente porque permite deixar marcas do conjunto das relações, das ligações, das associações entre os atores. Cada elo dessas redes pode se tornar um evento, uma bifurcação, traduzindo a inteligência coletiva dos atores e os processos de historização aos quais se submetem as práticas, as experiências e as ações transformadoras desses atores. Nesse sentido, todo lugar é aprendente. Assim, os lugares se constituem e aprendem ao mesmo tempo em que ensinam e constituem os atores que vivem nele (SCHALLER, 2008, p. 79).

Os atores deste movimento social, deste movimento coletivo, encontrariam neste lugar aprendente a oportunidade para sair de suas peles, de suas

“conchas” e, pelas circunstâncias, por meio da energia/potência liberadas, formar a dita inteligência coletiva. “O lugar não é mais dado *a priori*, como uma “matéria-prima”, ele é uma realização, uma produção, uma criação coletiva, um projeto comum fundador de laço social e “recriador de um imaginário social”. O lugar torna-se, nessa perspectiva, uma obra, uma obra de arte coletiva, como afirma Magnaghi, mas é também um desafio.” (SCHALLER, 2008, p. 80).

O lugar do ensino de teatro torna-se o local da criação coletiva. Dentro deste lugar os indivíduos estabelecem novos laços de relação. Todas as experiências vividas são restritas a este grupo e fundamentais para estabelecer a sua identidade. Assim, também no teatro, o lugar torna-se a obra de arte. Não poderíamos dissociar a apresentação de uma peça do lugar em que foi criada, de seu processo, do coletivo, e dos indivíduos que fazem parte dele e que o criaram. “O grupo, a partir da experiência, criará uma maneira particular de se apropriar da linguagem teatral. Isto porque os jogadores não partem em busca de algo, de uma verdade cênica previamente construída, mas partem em direção à produção de conhecimento sobre teatro” (DESGRANGES, 2010, p. 115).

Praticar estes lugares é ter uma experiência, desenvolver ações de transformação e, a partir destas ações, construir sentido. Um sentido muito claro quando se trata de teatro e de arte em geral, pois se materializa como obra na frente do criador, que se reconhece nela — por meio do outro quando existe público — como ser capaz de criar sentido. Praticar vários lugares. Um diferente para cada coletivo. E descobrir, por meio da criação poética, quais os diferentes lugares criados por um mesmo coletivo.

Assim, lugar aprendente é colocado em diálogo direto com o que poderia ser o lugar de formação em teatro. Entre as principais características que fazem dele um lugar pedagógico e lúdico, estão: o desenvolvimento de um lugar de criação coletivo, próprio de cada grupo, respeitando as individualidades dos participantes, onde lugar e indivíduo não se separam e se ensinam, e se criam, e se recriam, mutuamente; a construção de uma inteligência coletiva; o alargamento do espaço potencial dos participantes em suas relações com o outro — professor, colega, público — aumentando o lugar da brincadeira criativa, construtora de sentidos, resgatando o espaço para jogar.

Afastando um pouco o lugar aprendente de seu contexto social, podemos falar de um lugar aprendente metafórico, pois criador, e recriador, de um imaginário coletivo poético, em contrapartida à recriação de um imaginário social, como propõe Schaller. Deste modo o lugar aprendente abarca objetivamente o lugar da criação em teatro. Um lugar poético, no qual significados são criados, a partir das relações e anseios de cada criança, através da linguagem teatral, e que é preenchido de imagens metafóricas, surgidas da prática. Poético, pois compreende aspectos metafísicos (no sentido de sua imaterialidade) e a possibilidade de esses elementos transcenderem ao mundo fático, criando diversos sentidos de acordo com a criatividade de quem os gera, e de quem os assiste. Um lugar aprendente metateatral, pois concebido pelas experiências em teatro dos indivíduos e que, na relação com os seus integrantes, dita o tema da criação do coletivo. O lugar aprendente torna-se um lugar da

linguagem, criado com instrumentos e códigos da arte teatral durante o processo.

O lugar estabelecido pelo teatro durante o processo dialogará pedagogicamente com as crianças, responsáveis por sua criação, levando à apreensão da linguagem de maneira lúdica. Este lugar, criado pelos anseios artísticos dos alunos-atores, e pelas dinâmicas estabelecidas em sala de aula, dará uma identidade ao grupo, que terá estabelecido um repertório coletivo de imagens poéticas. Esta identidade pode ser “lida” e ditar o tema da criação que, porventura, se tornará um espetáculo. A escolha de uma peça a ser montada com os alunos-atores mostra-se um passo natural após o estabelecimento de uma identidade teatral de cada coletivo por meio do processo.

O fazer teatral alça o aluno-ator ao *status* de responsável pela própria criação. Um processo pedagógico sendo vivenciado, ao vivo, e verificado pelo público participante, também ele, jogador. A criação se dá, portanto, em conjunto entre os alunos-atores e a plateia. Esta criação em conjunto poderia caracterizar o momento da apresentação como uma evolução cênica do espaço aprendente. O espaço criado na relação com o público seria o responsável maior para consolidar o processo pedagógico de criação em teatro, pois, sendo o lugar do autorreconhecimento da criança como construtora de linguagem teatral, contribui para sua formação metacrítica (produtora, e por isto consciente da linguagem), e, portanto, metateatral.

Aqui o processo está na obra. Os alunos aprendem enquanto criam realidade cênica. “Este estado, de aprender enquanto se cria, é na verdade um sonho almejado por todo artista. Uma exposição generosa que revela a construção, o pensamento criador” (LAZZARATTO, 2011, p. 161).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2010.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- LAZZARATTO, Marcelo Ramos. **Campo de visão**: exercício e linguagem cênica. São Paulo: Escola Superior de Artes Célia-Helena, 2011.
- SCHALLER, Jean-Jacques. **Lugares aprendentes e inteligência coletiva**: rumo à constituição de um mundo comum. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZAS, Elizeu Clementino de (Org.). **(Auto)biografia**: formação, territórios e saberes. Natal: UFRN/Paulus, 2008.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.